

“Leva e Traz... Conhecimento!”

O Diário de Anne Frank, por **Lara Viegas** (9.º C)

Para este trabalho de História escolhi “O Diário de Anne Frank”, pois algumas pessoas tinham-me recomendado este título, e porque o mesmo parecia-me interessante. Para além disso, neste ano letivo foi dada matéria sobre a 2.ª Guerra Mundial e para perceber melhor como era a vida dos judeus nessa altura, decidi lê-lo.

Esta obra foi escrita por Anne Frank, durante 1942 e até 1 de agosto de 1944. Este diário seria um diário igual ao de todas as outras meninas da idade de Anne Frank, se ela não estivesse a viver a 2.ª Guerra Mundial, a documentar sobre as suas condições de vida, inquietações e preocupações por ter de viver em segredo num anexo, com a sua família e outros judeus.

Sinopse

A família Frank mudou-se para Amesterdão quando Anne apenas tinha quatro anos, onde teve uma vida normal, onde as crianças iam à escola e o pai trabalhava. Mas com o começo do governo de Hitler, veem-se obrigados, como judeus, a cumprirem as novas leis por ele impostas.

Em palavras de fácil entendimento, Anne Frank narra a rotina desta pequena comunidade, num anexo de um prédio. Neste pequeno espaço abrigam-se Anne Frank, os pais e a irmã, o Sr. Van Daan, com a sua esposa e filho, chamado Peter, que se torna o melhor amigo de Anne, e por quem ela demonstra uma certa admiração ao longo do tempo.

Anne teve a ideia de escrever um diário que pudesse ser publicado após ouvir uma transmissão radiofónica que incentivava as pessoas a documentar os acontecimentos relacionados com a atual guerra, pois, futuramente, este material teria um grande significado.

No diário ela também relata a forma como se sentia em relação aos seus pais: Anne Frank considerava o seu pai amoroso e nobre, ao contrário da mãe, com quem a mesma estava sempre em confronto.

Depois de tempos difíceis, oficiais da Gestapo (polícia secreta do Estado) descobrem o esconderijo, a 4 de agosto de 1944, prendem os refugiados e enviam-nos para diversos campos de concentração. Neste mesmo dia, Otto Heinrich Frank, recebe o diário da filha e, como é o único familiar remanescente do período passado como prisioneiro, luta pela publicação de seus textos, realizando, por fim, o sonho de Anne.

Na primeira versão muitos trechos foram censurados pelo próprio pai, que tinha consciência do quão controverso seria, nesta época, divulgar os conflitos entre mãe e filha, bem como revelar aspetos da sexualidade emergente de Anne. Em edição posterior o diário foi publicado integralmente.

Anne acaba por morrer em pleno campo de concentração, em Bergen-Belsen, em fins de fevereiro de 1945.

O diário original está preservado no Instituto Holandês para a Documentação da Guerra. Os direitos autorais da obra de Anne estão reservados ao Fundo Anne Frank, localizado na Suíça, uma vez que Otto Frank faleceu em 1980

Apreciação crítica

Na minha opinião, “O Diário de Anne Frank” é um pouco entediante, porque apenas fala do que faz, sobre as discussões que se criam ou sobre o que ela aprende, no entanto, é um dos relatos da vida dos judeus na altura de Hitler, sendo considerado uma grande relíquia histórica.

Acho engraçada a forma como Anne tem um nome para o diário, que é “Kitty”.

A parte que acho mais interessante são os pensamentos que Anne tem enquanto passa pela adolescência numa altura daquelas, e como lida com os seus problemas pessoais.

Também gostei de sentir que ela vai amadurecendo e crescendo ao longo dos dois anos que passa no anexo, contando apenas com a presença da sua família e de alguns amigos, sempre acreditando que nunca seria encontrada e levada para um campo de concentração.

Acho que é interessante comparar a vida difícil daquele tempo com a nossa vida atual, pois hoje em dia, viver em circunstâncias como as dos judeus é para muitos inimaginável.

“O Diário de Anne Frank” é um livro que nos abre os horizontes e nos põe no lugar de Anne que, como muitos outros, viveu em medo constante e acabou por não sobreviver.

Algumas palavras de Anne Frank

“Escrever um diário é uma experiência realmente estranha para uma pessoa como eu. Não só porque nunca escrevi nada antes, mas também porque me parece que, mais tarde, nem eu nem ninguém estará interessado nos devaneios de uma rapariga de treze anos. Oh, enfim, não importa. Apetece-me escrever, e tenho uma necessidade ainda maior de desabafar todo o tipo de coisas.”

“Podia passar horas a falar-te sobre o sofrimento que a guerra trouxe, mas isso serviria para me deixar ainda mais infeliz. Tudo o que posso fazer é esperar, tão calmamente quanto possível, que tudo acabe. Tanto os judeus como os cristãos estão à espera, o mundo inteiro está à espera, e muitos estão à espera da morte.”

“Não acredito que o conselho da Mamã esteja certo, pois, se nos tornarmos parte do sofrimento, o que nos resta? Ficaríamos completamente perdidos. Pelo contrário, a beleza permanece, mesmo na desgraça. Se a procurarmos, descobrimos mais e mais felicidade e recuperamos o equilíbrio. Uma pessoa feliz transmite felicidade aos outros; uma pessoa que tem coragem e fé nunca morrerá na miséria!”